

Expressões contemporâneas das relações afetivo amorosas: a emergência do Poliamor

Bianca de Jesus Silva (Graduanda em Ciências Sociais – UFES)

INTRODUÇÃO

O debate sobre repressão sexual e as lutas por reconhecimento travadas no campo dos movimentos feministas e movimentos LGBT constitui o ponto de partida para compreender as mudanças que vieram ocorrendo desde o século XX no campo das relações afetivo amorosas. Os processos de globalização e de intensificação da conectividade entre as diversas sociedades mundiais por meio da expansão e mundialização das tecnologias de comunicação virtual, serão tratados como pano de fundo e contexto por meio do qual os questionamentos ao paradigma ocidental sobre o amor ganhou espaço e viabilizou a emergência do debate sobre a questão de forma aberta e horizontal. Neste cenário, portanto, se constituiu a rede de possibilidades do poliamor, enquanto posicionamento que questiona a estrutura social e as concepções morais sobre as relações afetivas amorosas legadas pelos europeus às suas colônias.

Dessa perspectiva, o poliamor emerge no cenário do debate cultural contemporâneo ao lado de outras demandas sociais, articulado com ações sociais e movimentos sociais que reivindicam reconhecimento em relação às diferenças que os constitui, tais como os movimentos étnicos, feministas, LGBT, etc. Entre estes comparecem, portanto aqueles que lutam por novas configurações para as expressões afetivo-amorosas e neste sentido questionam os padrões socialmente aceitos.

I – Sexo e sexualidade: Perspectivas e Mudanças

A partir do debate sobre repressão sexual, que estipula regras para as manifestações da sexualidade e das práticas sexuais na sociedade, entende-se a necessidade de questionar noções pré-estabelecidas e algumas rupturas que transformaram as atitudes em relação

ao sexo e conseqüentemente aos modos de se relacionar intimamente na sociedade contemporânea.

A partir disso, entende-se que a mais perfeita expressão da repressão sexual era representada quando os indivíduos chegavam ao ponto de esconder seus desejos.

Costuma-se dizer que a repressão perfeita é aquela que já não é sentida como tal, isto é, aquela que se realiza como auto-repressão graças à interiorização dos códigos de permissão, proibição e punição da nossa sociedade. (CHAUI, 1989, p. 13)

Cada modelo de repressão é diferente no espaço e no tempo. Isto porque, no sentido em que culturas diferentes vão lidar com o sexo de maneiras diferentes, mas buscando justificativas para manter o controle das práticas, podendo conservar ou alterar seu posicionamento em relação ao sexo. Tais mudanças ocorrem devido à racionalização das sociedades, como, por exemplo, uma sociedade que entende que o sexo é uma prática para a reprodução vai reprimir outras formas de sexualidade. Desse modo as mudanças das práticas estão vinculadas ao processo de transformação da racionalização que muda a perspectiva de entendimento e, portanto, de aceitação das práticas sexuais.

Ao longo dos séculos, em que a modernidade capitalista contemporânea se constituiu desde sua gênese no século XV, a mulher foi a principal vítima da repressão sexual. Várias formas de repressão recaíram sobre as mulheres. O quadro de repressão da mulher, apesar das conquistas dos movimentos feministas dos anos de 1960 em diante, ainda permanece uma realidade em muitas sociedades. No entanto, nas grandes metrópoles onde a modernidade radicalizada (GIDDENS, 1991, BAUMAN, 1989) encontra maior espaço de expressão, as conquistas dos movimentos feministas modificaram as concepções sobre sexo e sexualidade, devido à inserção da mulher no mercado de trabalho, o direito ao voto dentre outros direitos alcançados pelas feministas. Sobre este aspecto, Ceccarelli(2000) esclarece que:

As mudanças introduzidas pelo modelo capitalista, cujas origens remontam ao Séc. XVIII com a Revolução Industrial, deram início às transformações nas definições de papel de gênero. A participação cada vez maior da mulher na produção/circulação do capital tem contribuído para desmascarar o caráter imaginário de uma forma de organização social no qual os homens ocupam o lugar central. (CECCARELLI, 2000, p. 324)

Dentro da discussão acerca da repressão sexual, encontra-se outra transformação importante para o debate do poliamor, que é o casamento, com todas essas alterações e noções históricas sobre o sexo, podemos passar a pensar no estreitamento das relações

na expressão do casamento, que é um fator forte de repressão, tendo em vista que o ritual tem uma série de regras que limitou as mulheres e privou durante algum tempo os LGBT.

Como já foram expostas as noções da mulher e as questões LGBT em relação ao casamento, fica ainda mais expressiva a dominação exercida pelo matrimônio. Dentro desse quadro de repressão, podem-se colocar as questões que tocam diretamente a emergência do poliamor, pois inserido em um contexto com uma série de regras e controle sobre o sexo e a sexualidade, permitiu uma formação de repressão no sentido de colocar as questões de novas formas de relacionamento no âmbito do tabu. As práticas desviantes do padrão são sempre perseguidas e condenadas. O poliamor encontra-se em posição de repressão se analisado os fatores históricos, as formas de relacionamento socialmente aceito e o conceito de família. E espera-se que o poliamor crie sua zona de convergência alcançando a liberdade de expressar as formas de relacionamento que define o termo estando livre das repressões matrimoniais e heteronormativas encontradas atualmente como padrão hegemônico a ser seguido.

II – Perspectiva Decolonial e Luta por Reconhecimento como respaldo a emergência de expressões de contestação a moral sexual ocidental

O posicionamento decolonial se insere nas atividades de resistência e re-existência, sobre a perspectiva de vida capitalista global, questionando ideias e origens das relações sociais, ou seja, o legado europeu sobre as sociedades ocidentais, proporcionando uma mudança no pensamento, sendo então para Mignolo (2008) parte da expressão do pensamento pós-colonial, no sentido de desuniversalizar as estruturais sociais existentes.

Os questionamentos e as resistências passam por todos os âmbitos básicos para a vida em sociedade, entre eles o sexo e a sexualidade. O legado europeu deixou em suas ex-colônias normas rígidas, impossibilitando a expressão de outras formas de relações, deixando restritas as tradições monogâmicas e heteronormativas dos colonizadores.

O pensamento pós-colonial indica transformação, entendendo que para transformações sociais precisa-se um entendimento e reconhecimento social, portanto insere-se o

poliamor na perspectiva transformadora das estruturas sociais, em busca de reconhecimento.

É colocada como fundamental para a formação da identidade e realidade do poliamor, a luta por reconhecimento, pois devido ao acúmulo de transformações e aperfeiçoamento de debate, o poliamor ainda encontra resistências para ser aceito socialmente como uma prática “normal” enquadrada aos padrões, portanto para se legitimar socialmente, depende de um reconhecimento social dos indivíduos e das perspectivas.

Para tratar a luta por reconhecimento, Axel Honneth faz colocações que são importantes para entender os posicionamentos encontrados no poliamor. O autor trabalha com a categoria de reconhecimento no outro e o amor, como uma forma de reconhecimento emocional, que está ligada a outras formas de se reconhecer, reconhecer outros e grupos constituídos.

O reconhecimento no outro, parece-me mais interessante ao ponto em que se encontra a discussão do poliamor na sociedade, pois somente depois de um imaginário e um conhecimento acerca da perspectiva que as pessoas irão se mobilizar institucionalmente. Tirando como exemplo mais uma vez o feminismo e as demandas LGBT que somente depois de algum tempo e uma formação mais expressiva teve acúmulo para reivindicações mais concretas, como a legalização do casamento LGBT e a regulação da jornada de trabalho da mulher.

Com as colocações iniciais sobre o reconhecimento, pode-se iniciar as perspectivas do autor que são relevantes para discutir o poliamor. Primeiro vale salientar que Honneth, em sua obra *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*, discute as colocações de reconhecimento de Hegel e Mead, buscando entender como eles trabalharam a ideia e finaliza propondo uma formulação de luta por reconhecimento em três instâncias, a do amor, do direito e da estima.

As três instâncias foram à tripartição que consiste na autoconfiança, autorespeito e autoestima, criando o vínculo entre a luta por reconhecimento em esferas individuais e dependentes umas das outras. Para ser reconhecido o sujeito deveria passar pelas instâncias acumulando, pois a tripartição para Honneth tem a ideia de processo, no qual são necessários os estágios para alcançar um reconhecimento.

Ao recorrer a Hegel, Honneth levanta um ponto que dialoga com a perspectiva poliamorosa, uma vez que nada mais que a *vontade* colocou o que poderia ser uma ideia para muitas pessoas em um mundo prático. Esse mundo prático se articulou com outras pessoas, mas o processo de entendimento, aceitação, debate, curiosidade sobre a temática, ainda é muito individual, sendo somente a *vontade* que alavanca a transformação das relações se contrapondo ao tradicional monogâmico imposto.

Honneth em sua obra faz várias colocações que podem ser traduzidas para a realidade do poliamor “[...] a sexualidade representa uma primeira forma de unificação de sujeitos opostos uns aos outros: cada um é igual ao outro justamente aí onde está oposta a ele, ou o outro, por aquilo que lhe é outro, é ele mesmo.” (HONNETH, 2003 P.77) Ao tratar a sexualidade como meio de igualar aos outros, como uma forma de ser visto em outros. O processo que está intrínseco ao poliamor, pois para efetivação das relações a sexualidade tem um papel importante no reconhecimento e diferenciação em uns pelos outros.

A globalização, o fluxo de informação na internet possibilita a formação de grupo. São indicações de que o poliamor ultrapassou barreiras socialmente construídas, e hoje remonta uma realidade, que está em processo de reconhecimento, e um reconhecimento legítimo e respaldado em modelos de reconhecimentos históricos e de sucesso, como o feminismo e o movimento LGBT.

Os indivíduos com consciência da desconstrução da repressão sexual e engajados na luta por reconhecimento recriaram um cenário em meio ao mundo virtual que possibilitou essa colocação no mundo real.

III - Internet e Globalização: conectividade, interatividade e contestações em rede

Gustavo Lins Ribeiro aponta que inicialmente a internet tinha outras funções, como inteligência de guerra, passando para a divulgação de conteúdo, até tornar-se o que temos hoje, um mundo virtual que permite a colocação de identidades, sujeitos, realidade, concepções de vida, tornando-se um instrumento de aproximação no mundo globalizado.

Tecnologias de identificação e pertencimento ancoradas em suporte de transmissão de informação (“meios de comunicação”) que tornam-se referências virtuais ou reais - altamente carregadas de conteúdo simbólicos, metafóricos, metonímicos, classificatórios - unificadora de indivíduos em coletivos. (RIBEIRO, 2000 p. 181)

O advento da internet permitiu a organização de um grupo com interesses próximos uma busca por mais liberdade, sendo mais precisa, uma liberdade sexual. As pessoas se organizaram em uma rede de interesses, para se expressar, se colocar, tirar dúvidas e ajudar outras pessoas com curiosidades acerca da temática poliamorosa a partir de necessidades dos indivíduos no que toca as relações afetivo amorosas. A organização indica a formação de uma ação social ou de movimento social segundo Scherer-Warren

quando necessidades materiais transformam-se em representações simbólicas de carências de determinados grupos e, conseqüentemente, estes constroem pautas políticas reivindicativas ou para a transformação social desta situação, temos o nascimento de uma ação coletiva ou de movimento social específico, como é frequentemente designado. (Scherer-Warren, 2008. P 3.)

O conhecimento acumulado nas redes é um reflexo de vidas e experiências que utilizam novamente a internet como intermediária, no qual recebe informação do real e volta pra realidade ampliando a discussão e os simpáticos ao poliamor. Ribeiro indica essa possibilidade “Adquirir maior expressão em rituais que transformam as comunidades imaginadas – virtuais em comunidades reais, verificáveis, parcial ou totalmente pelos seus membros.” (RIBEIRO 2000) sendo uma colocação importante para o entendimento do poliamor, pois ao ter esse veículo intermediário possibilita o debate e o conhecimento acerca das discussões sobre a temática tornando-se comunidades reais.

O poliamor apresenta uma configuração que não tem um oposto perfeito, sendo um levante de pessoas a partir de sentimentos, desejos e buscando reconhecimento de suas expressões afetivo amorosas, sem uma configuração a ser reclamada como origem ou tradição, é uma demanda pessoal, partindo para a luta por reconhecimento. Uma saída da lógica binária entre o europeu e o não europeu, que é uma construção de era colonial, e busca ruptura.

A possibilidade de o sujeito navegar em suas redes de interesse sem uma fiscalização social tão massiva quanto participar de coletivos, por exemplo, fomentou o poliamor, e que hoje pode ser encontrado com maior facilidade nos debates e nas discussões sobre sexualidade, como uma forma de subverter o tradicionalismo e a monogamia.

O poliamor passou de uma estrutura mais abstrata e virtual para uma expressão empírica. Ao passo que reuniu maior número de simpáticos, possibilitou a pessoas que mesmo sem ter um posicionamento fechado, sentiam que os modelos de relacionamento não eram representativos em suas vidas e também se apresentou como instrumento para esclarecer as dúvidas acerca do tema, como Ribeiro indica que o ciberespaço tem poder de reunir e fomentar realidades que pode influenciar os processos no mundo real, “O ciberespaço, a comunidade virtual podem influenciar a política no mundo real.” (RIBEIRO, 2000).

Algumas considerações sobre o poliamor podem evidenciar essa perspectiva de contestação mais ampla, partindo de uma liberdade sexual e indicando transformação na estrutura social no que toca a sexualidade e a formação das famílias.

A partir das considerações sobre os processos que são parte da discussão do poliamor, pode-se colocar algumas questões sobre a temática, de forma pontual, para analisar se a consideração sobre a repressão sexual, luta por reconhecimento e as noções de globalização e desconstrução da colonialidade do poder dialogam de fato com a perspectiva poliamorosa e sua emergência.

IV – Poliamor: significado e caráter contestador dos padrões controladores das relações afetivo-amorosas

Poliamor consiste em uma perspectiva de relacionamento que afirma a possibilidade de se manter relações afetivo amorosas com mais de uma pessoa ao mesmo tempo, sendo que todos os envolvidos devem ter ciência dos relacionamentos de seus parceiros, no sentido de se estabelecer um diálogo constante sobre os envoltimentos e vínculos de seu(s) parceiros/as.

É importante salientar que as relações não são necessariamente construídas pelos mesmos sujeitos, por exemplo, em um trio a relação não é estabelecida com o todo, pode haver uma pessoa que mantém dois relacionamentos, mas esses dois outros não necessariamente se relacionam amorosamente ou sexualmente. Esse trânsito é normal nos relacionamentos, pois não há restrições ou regras para se relacionar com todos os parceiros de seus parceiros.

O diálogo é importante, pois é nele que se estabelecem as críticas e questionamentos acerca das noções de amor, casamento e relacionamento tradicional da sociedade ocidental. As conversas são instrumentos de fomento das relações, pois nelas se encontram parte da manutenção e ampliação das perspectivas de modelo de relacionamento.

A utilização do termo é recente, segundo Cardoso (2010), pois anterior ao cunho da palavra, a expressão *não-monogamia*, era utilizada para definir relações de caráter similar. A ideia de entender os processos também é marcada no fim da utilização da negação como sufixo, que é substituído por Poliamor, um termo que recebia outras colocações além da noção monogâmica, sendo então algo que questiona a monogamia, mas que ao mesmo tempo não se apresenta como seu oposto perfeito e direto.

Essas noções ficam explicitadas e aparecem também em forma de dúvidas, nas conversas em blogs, grupos de email e redes sociais, pois está sempre em discussão e estão entre as perguntas frequentes: *o que fazer? Por que está se sentindo assim? É traição? Posso ter quantos parceiros? Vou poder andar de mãos dadas nas ruas? O que acontece quando querem ter filhos?* entre outras.

Importantes dimensões para a temática são, por exemplo: amor, noções de monogamia, traição religiosa, fidelidade, relacionamento, casamento, família nuclear, mudança de valores, pois dentro das relações poliamorosas, essas dimensões não são trabalhadas da mesma forma, pois no poliamor não há regras de organização ou quantidades pré-estabelecidas, ou seja, as relações serão pautadas na organização de cada grupo, casal ou rede de relacionamento, não sendo necessária a ideia de forçar o relacionamento a um modelo pronto, mas dar flexibilidade para formar seus relacionamentos de acordo com os seus sentimentos.

A característica contestadora do poliamor é importante para a manutenção das relações, e uma possível transformação no elemento básico da existência da sociedade, que é o sexo, pois ao passo que se contesta a realidade, passa-se a perceber o mundo de outras formas e novas formas trazem novas perspectivas e realidades. Assim, o poliamor, a perspectiva e realidade em que as pessoas contestaram as formas de se relacionar a partir dos seus múltiplos sentimentos, sendo contra hegemônico de uma forma que não reproduz seu contrário perfeito, é contestador e remonta as origens, pois para manter o

diálogo traços históricos são levantando para entender a resistência ou a necessidade de ter relacionamentos com outras configurações nas sociedades contemporâneas.

Com o advento da internet, a possibilidade de se informar e comunicar com maior agilidade e facilidade no mundo globalizado garantiu maior espaço de domínio, para se organizar e se colocar de forma que vão de encontro com o que foi estabelecido, dentro do controle exercido, estando cada vez mais firme nas suas demandas e se aproximando de outros movimentos com a mesma perspectiva de contestação e transformação das estruturas sociais.

Considerações finais

O poliamor faz parte de um processo maior de emancipação, reconhecimento, desconstrução, emergência e expressões, que estão latentes na sociedade latina americana. Dialogando com a repressão sexual, que se encontra em outras ações sociais, a luta por reconhecimento, que por sua vez também é parte de demandas de outros grupos com outras formas de ser organizar, passando pela globalização, que atualmente é utilizada por vários grupos, tantos os de contestação, quando os conservadores tradicionais, portanto penso o poliamor inserido numa cadeia de fatos relacionados, mas essa cadeia não apresenta seu último estágio e nem mesmo se mostra rígida ao ponto de não poderem ser inseridos outras ações sociais, movimentos sociais, lutas por reconhecimento.

O poliamor está constantemente em diálogo com outras transformações e está em solo efervescente de emancipações e contestações, portanto, ao passo que se aproxima de movimentos e ações que estão se organizando para a mudança na estrutura social, questionando a coloniedade do poder, encontra-se mais um elemento, mais uma ação, mais um movimento social, ao que indica Scherer-Warren,

As questões da solidariedade inter-sujeitos coletivos, do reconhecimento a partir ou apesar de suas diferenças, a abertura ao pluralismo democrático, são fundamentais para que ocorra a transformação das demandas particulares em pautas políticas que dizem respeito a um conjunto de exclusões sociais que operam numa mesma ordem ou lógica sistêmica. (Scherer-Warren. 2008 p.6)

O poliamor apresenta-se como uma perspectiva consistente para a transformação da realidade afetiva amorosa atual, pois se contrapõem ao padrão hegemônico exercido desde a colonização que foi mantida dentro do padrão eurocêntrico de relacionamento, conservado por posturas tradicionais que forçam a formação de uma identidade e sociedade que não dá margem para as manifestações individuais de sentimentos e noções de vida, no que toca os relacionamentos.

E em escala individual pode ser o instrumento de emancipação para muitas pessoas que não se encaixam nos padrões monogâmicos e heteronormativos impostos, e fortemente atribuídos aos indivíduos, fazendo um movimento libertador para aqueles que sentem e desejam novas formas de expressar seus sentimentos. Em uma escala maior pode ser inserido no levante em busca de emancipação que está emergindo na América Latina. A emergência do poliamor é uma evidência de que a transformação é um importante salto para a liberdade sexual, pessoal, no micro e macro na relação colonial do poder.

Referência Bibliográfica

CARDOSO, Daniel. *Amando vári@s –Individualização, redes, ética e poliamor*. Tese (mestrado em ciências da comunicação), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova Lisboa, 2010.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual – essa nossa (des)conhecida**. 12ª Ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1991.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da Intimidade – sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Ed. Unesp, 1992.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. Tradução de Luiz Repa, 2 Edição. São Paulo: Ed. 34, 2009.

MIGNOLO, W; GROSGOUEL, R. “**Intervenciones Descoloniales: una breve introducción**”. Tabula Rasa. Bogotá - Colombia, nº.9. 2008.

QUINTERO, Pablo. “**Notas sobre la teoría de la colonialidad del poder y la estructuración de la sociedad en América Latina**”. En: *Papeles de Trabajo*, número 19. Rosario: Junio 2010.

RIBEIRO, Gustavo Lins. **Cultura e Política no mundo contemporâneo: paisagens e passagens**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Redes de movimentos sociais na América Latina: caminhos para uma política emancipatória?**. Cadernos CRH [online]. 2008, vol.21, n.54. Acesso: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792008000300007&lng=en&nrm=iso&tlng=pt